

## **Velhas migrações e novas mídias: a espacialidade como categoria de análise para a experiência transnacional cubana<sup>1</sup>**

**Old migrations and new media: spatiality as a category of analysis for the Cuban transnational experience**

**Viejas migraciones y nuevos medios: la espacialidad como categoría de análisis para la experiencia transnacional cubana**

**Elisa Beatriz Ramírez Hernández**

Universidade Federal de Minas Gerais | elisabeatriz88@gmail.com

**Ângela Cristina Salgueiro Marques**

Universidade Federal de Minas Gerais | angelasalgueiro@gmail.com

Submissão: 1 abr. 2021

Aceite: 14 jun. 2021

---

<sup>1</sup> A pesquisa a partir da qual este artigo foi elaborado contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**Resumo:** Aborda-se o conceito de *espacialidade* no pensamento mais recente de Jesús Martín-Barbero (2018) e suas possibilidades teórico-metodológicas para analisar processos comunicativos que atravessam fronteiras geográficas e digitais no âmbito do transnacional. A partir das tipologias espaciais propostas por Martín-Barbero, o objetivo é explorar as características do *espaço produzido* que emerge nas interseções entre migração transnacional e mídia digital. Para ilustrar essa proposta, propõe-se um mapeamento e a descrição de alguns dos grupos e páginas representativos da diáspora cubana no Facebook, levando em consideração o contraste entre a tradição migratória e a recente ampliação de acesso à internet na ilha. Evidencia-se o potencial analítico da categoria da espacialidade a partir de quatro dimensões relevantes na compreensão desses fenômenos: os espaços concebidos na duplicidade dispersão/reunificação; as espacialidades atreladas a uma experiência temporal específica; o determinante da historicidade nas relações com o espaço; e a tensão nostalgia/conflito nas espacialidades diaspóricas digitais.

**Palavras-chave:** migrações; Cuba; espacialidades; redes sociais digitais; mediações.

**Abstract:** We discuss the concept of spatiality in the most recent thought of Jesús Martín-Barbero (2018) and its theoretical-methodological possibilities to analyze communicative processes crossing geographic and digital borders in the transnational context. Based on the spatial typologies proposed by Martín-Barbero, the aim is to explore the characteristics of the produced space that emerges at the intersections between transnational migration and digital media. To illustrate this proposal, we propose a mapping and description of some of the groups and pages representing the Cuban diaspora on Facebook, considering the contrast between the migratory tradition and the recent expansion of internet access on the island. The analytical potential of the spatiality category is evidenced through four relevant dimensions in understanding these phenomena: spaces conceived in the duplicity of dispersion/reunification; the spatialities linked to a specific temporal experience; the determinant of historicity in relations with space; and the nostalgia/conflict tension in digital diasporic specialities.

**Keywords:** migrations; Cuba; spatiality; digital social networks; mediations.

**Resumen:** Se aborda el concepto de espacialidad en el pensamiento más reciente de Jesús Martín-Barbero (2018), así como sus posibilidades teórico-metodológicas para analizar procesos comunicativos que traspasan fronteras geográficas y digitales en el contexto transnacional. A partir de las tipologías espaciales propuestas por Martín-Barbero, el objetivo es explorar las características del espacio producido que emerge en las intersecciones entre la migración transnacional y los medios digitales. Para ilustrar esta propuesta, proponemos un mapeo y descripción de algunos de los grupos y páginas representativos de la diáspora cubana en Facebook, teniendo en cuenta el contraste entre la tradición migratoria y la reciente expansión del acceso a internet en la isla. El potencial analítico de la categoría de espacialidad se evidencia a partir de cuatro dimensiones relevantes para la comprensión de estos fenómenos: espacios concebidos en la duplicidad de dispersión/reunificación; las espacialidades vinculadas a una experiencia temporal específica; el determinante de la historicidad en las relaciones con el espacio; y la tensión de nostalgia/conflicto en espacialidades diaspóricas digitales.

**Palabras clave:** migraciones; Cuba; espacialidades; redes sociales digitales; mediaciones.

## Introdução

Pensar a comunicação em perspectiva crítica requer considerar as especificidades culturais que marcam os processos sociais nos diferentes contextos estudados, bem como a América Latina como espaço de experiências diferenciadas. É por isso que trazemos à luz o pensamento de Jesús Martín-Barbero, filósofo espanhol-colombiano que se dedicou ao estudo de transformações sociais a partir das relações entre comunicação, cultura e política. Martín-Barbero é conhecido amplamente por seus aportes aos estudos sobre recepção televisiva, telenovelas e melodrama latino-americano, pesquisas sobre matrizes culturais e práticas comunicacionais. No entanto, argumentamos que o percurso de sua obra revela de forma mais contundente seu interesse por compreender as transformações no entorno midiático e cultural latino-americano. Martín-Barbero foi um leitor do seu tempo. Ao estudar as lógicas de produção e as práticas de consumo na articulação entre culturas populares e indústrias culturais, foi se interessando pelo cenário social de mobilidade, fragmentação e multiplicação dos espaços a partir da intervenção cada vez mais presente das tecnologias.

O trabalho de Martín-Barbero pode ser compreendido também a partir dos “mapas” teórico-metodológicos que o autor foi desenhando ao longo do tempo para indicar possíveis relações entre *mediações*<sup>2</sup>, lugares de produção de sentido, elementos que conectam a experiência cultural e a histórica latino-americana com o campo da comunicação. Apesar de se tratar de uma vasta obra, geralmente ligada ao contexto dos primeiros objetos de pesquisa do autor, mencionamos aqui apenas alguns conceitos que nos parecem interessantes para destacar suas mais recentes reflexões sobre o impacto das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nos modos de perceber e habitar o mundo hoje.

Martín-Barbero se interessa em abordar a evolução das mediações comunicativas que marcam o contemporâneo latino-americano. Na introdução à segunda edição de seu livro *Dos meios às mediações*, o autor afirma que, com as transformações tecnológicas, assistimos à emergência de novos atores e movimentos sociais que “introduzem novos sentidos do social e novos usos sociais dos meios”, os quais “remetem também à lenta iluminação de novas esferas do público e às novas formas de imaginação e de criatividade social” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 19).

O que procuro com este mapa é reconhecer que os meios de comunicação hoje constituem espaços-chave para a condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e produção cultural, mas também alertar, ao mesmo tempo, contra o pensamento único que legitima a ideia de que tecnologia hoje é o “grande mediador” entre as pessoas e o mundo, quando o que a tecnologia hoje medeia, de forma mais intensa e acelerada, é a transformação da sociedade em mercado, e desta no principal agente da globalização (no seus significados múltiplos e opostos) (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 19).

---

<sup>2</sup> O conceito de mediação constitui o eixo central da obra de Martín-Barbero, ao articular práticas comunicativas com dinâmicas culturais e movimentos sociais. Embora seja uma noção bastante polêmica e evasiva, que ele não pretende definir com um conceito fechado, podemos dizer que o autor se refere às mediações como instâncias a partir das quais se produz sentido: “os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 233, tradução nossa).

Sob tal viés, nosso principal objetivo neste texto é apresentar as reflexões sobre as espacialidades que aparecem na obra mais recente de Martín-Barbero e suas potencialidades para abordar fluxos migratórios e digitais que caracterizam o cenário da Cuba transnacional hoje. Para isso, tomamos como ponto de partida as análises feitas por autores que aparecem na coletânea *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero* (RINCÓN et al, 2019). Assim, destacamos o nosso interesse em aprofundar a abordagem do conceito de *espacialidade* como eixo fundamental no último mapa desenhado por Martín-Barbero, assim como suas necessárias articulações com a *temporalidade* e alguns elementos sobre as *tecnicidades* e as mediações geradas na interseção entre esses três eixos.

Nesse sentido, destacamos aqui alguns elementos do contexto estudado que são relevantes para este recorte de pesquisa. O sistema político cubano atual, socialista e unipartidarista, é resultado do processo de Revolução que se iniciou em 1959 e que, mesmo trazendo grandes transformações sociais em favor dos setores populares (educação e saúde universal, entre outros), acabou por centralizar nas figuras de Fidel Castro e do Partido Comunista não só os meios de produção como também os espaços simbólicos e culturais. Apesar do estrito controle do Estado sobre o território nacional e sobre o destino dos cubanos, os deslocamentos migratórios massivos de cubanos para os Estados Unidos durante décadas culminaram na estruturação de uma ampla diáspora cubana nos Estados Unidos (em Miami, cidade do estado da Flórida, fundamentalmente).

Trata-se de uma comunidade heterogênea (em termos de classe, raça, gênero, nível educacional, etc.) e composta por várias gerações de imigrantes que mantêm relações diferenciadas entre si e desenvolvem vínculos mais ou menos intensos com o país de origem. Assim, prevalece hoje em dia um tipo de identidade de “cubano-americanos”<sup>3</sup>, cujo laço com a pátria é construído na interface entre a nostalgia, a crítica política ao governo cubano, a dependência econômica que muitas vezes os tornam “responsáveis” pelos que ficaram na ilha e os diversos afetos que devem ser (re)elaborados nesse espaço transnacional.

Compreender os processos de migração cubana em perspectiva temporal requer, assim, levar em consideração a evolução de padrões migratórios ao longo das seis décadas do processo social da Revolução na ilha e a construção de uma memória em torno dessa experiência coletiva<sup>4</sup>. Uma periodização recorrente desses deslocamentos considera as maiores ondas migratórias atreladas a conjunturas e momentos históricos específicos que marcaram a emigração para os Estados Unidos (ARBOLEYA, 2015), pois o conflito entre Cuba e os Estados Unidos atravessa a dinâmica migratória cubana durante o período revolucionário.

---

<sup>3</sup> O termo “cubano-americano” refere-se a um tipo de identidade híbrida dos cubanos emigrados para os Estados Unidos, em referência a processos migratórios de longa data que originaram o amplo assentamento naquele país, principalmente na Flórida.

<sup>4</sup> Estima-se que a atual diáspora cubana represente 10% da população. Embora os Estados Unidos sejam o principal assentamento, há outros destinos, como Espanha, Itália, Canadá e, mais recentemente, países da América Latina. Desde 1959, milhares de cubanos emigram todos os anos, embora às vezes seja difícil definir a condição de migrante, já que o governo cubano só considera esse status para a pessoa que permanece 24 meses fora do território nacional (antes da reforma migratória de 2013, esse período era de 11 meses, pelo qual muitos cubanos perderam o direito de residência na pátria) (MARQUES; RAMÍREZ HERNÁNDEZ, 2020; RAMÍREZ HERNÁNDEZ; FAZITO, 2019).

A legislação americana tem enquadrado a emigração cubana como dissidência política (o povo “fugindo” da ditadura dos Castro), de forma que as leis migratórias tratam frequentemente todo imigrante cubano como um refugiado político. Por outro lado, em Cuba, existe uma construção discursiva, ideológica e jurídica do emigrado cubano como um sujeito excluído da vida pública em Cuba (traidor da pátria), o que justifica também a adoção de políticas migratórias restritivas e limitação de direitos da diáspora pelo governo cubano.

De qualquer forma, é possível dizer que os laços afetivos, econômicos e culturais entre a população cubana dentro e fora do país ultrapassam os limites do estrito controle das autoridades da ilha sobre as formas de vida e as subjetividades cotidianas dos cubanos. A cristalização da cultura migratória no país e o adensamento das relações transnacionais entre cubanos de dentro e de fora fazem emergir novas relações econômicas e sociais. Noções de bem-viver e projetos de vida se originam a partir do efeito de longo prazo das remessas enviadas por familiares e dos relatos de uma experiência migratória coletiva que desafiam muitas vezes os preceitos socialistas do processo revolucionário (ECKSTEIN, 2009).

Após a saída de Fidel Castro do poder (embora persista a mesma estrutura política), foram implementadas algumas reformas econômicas e sociais que incluem a flexibilização de certas leis migratórias e a emergência de possibilidades de conexão à internet, que não existiam até 2015. Assim, Cuba encontra-se imersa hoje num processo de transformações, talvez não muito visíveis concretamente, mas que atinge os valores morais, as atitudes e a cultura que moldam o espaço político da vida cotidiana.

Nesse sentido, observamos uma expansão (gradual e controlada) da internet em Cuba, que começou em ambientes institucionais do governo, de forma que a maioria dos usuários eram funcionários públicos e profissionais de algumas categorias, embora uma parte dos cubanos que interagem também nos espaços públicos virtuais da ilha sejam emigrados. O avanço da internet em Cuba está marcado por um controle quase absoluto das telecomunicações pelo governo, mas, com a semiliberalização recente do acesso à internet para a população cubana<sup>5</sup>, a realidade digital começa a articular muitos dos espaços públicos dispersos entre cubanos de dentro e de fora do país.

A partir de uma análise de aspectos da dinâmica transnacional que une essas velhas migrações e novas mídias, exploramos a categoria de *espaço produzido*, em relação com as outras espacialidades propostas por Martín-Barbero (*habitado, praticado, imaginado*), a fim de explorar as potencialidades políticas desse fluxo transnacional de pessoas, dados, discursos e práticas. Na primeira seção, propomos uma discussão conceitual sobre esse pensamento de Martín-Barbero, assim como uma apresentação posterior da perspectiva metodológica adotada.

---

<sup>5</sup> Apesar de haver muitas limitações econômicas para o uso do serviço de internet em Cuba e da cibervigilância por parte do governo cubano, observamos um aumento da quantidade de usuários de internet: de 27%, em 2014, para 40%, em 2016 (após implementação do acesso WiFi em espaços públicos em 2015). De acordo com um relatório recente das agências especializadas em mídias sociais We Are Social e Hootsuite's, 51% da população cubana se conectava à internet em 2018 (MARQUES; RAMÍREZ HERNÁNDEZ, 2020). Com a chegada da conexão 3G em 2019, foram contabilizados, em finais daquele ano, 7,1 milhões de cidadãos com acesso à internet por diversas vias, o que corresponde a 63% da população do país (EFE, 2020).

Levando em consideração a novidade da proposta de estudar o espaço como uma categoria relevante na obra de Martín-Barbero, e suas ligações com fenômenos contemporâneos, o nosso objetivo principal é desenvolver tal perspectiva teórica e suas possibilidades metodológicas. Contudo, apresentamos também, na última seção do texto, alguns elementos empíricos que poderiam apontar um caminho de exploração dessas espacialidades, a partir de um mapeamento e da descrição de algumas páginas e de alguns grupos de migrantes cubanos no Facebook. Nesse sentido, visamos mostrar como esses ambientes virtuais revelam dimensões do *espaço produzido* que nos interessa destacar aqui.

### **Um novo mapa para velhos caminhos: o eixo espaço-tempo nas tecnicidades**

O pensamento mais atual de Martín-Barbero articula-se em torno de uma preocupação em compreender o novo *sensorium* que marca esta época, ao focar nas transformações que as tecnologias e seus usos trazem para uma nova reconfiguração dos espaços e das temporalidades (RINCÓN et al, 2019). *Sensorium* é um termo que ele recupera das reflexões de Walter Benjamin sobre o impacto das mídias (ou a reprodutibilidade técnica da obra da arte) na sociedade industrial e que, etimologicamente, revela um “sentir para perceber” (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 18, tradução nossa), um momento-mundo que abrange tempos e espaços, tecnicidades e sensorialidades, a dimensão política, cotidiana e sensível das redes e dos fluxos.

Omar Rincón (2019, p. 263, tradução nossa) explica que Benjamin propõe a figura do *sensorium* para descrever a experiência cultural e filosófica do século XX, em meio à chegada da fotografia, do cinema e do rádio e à “consequente aparição das massas na cena cultural do sentido público”. Sob esse viés, Martín-Barbero questiona como o desenvolvimento e apropriações das TIC<sup>6</sup> no século XXI podem transformar “a sensação, a percepção e a interpretação da experiência cultural que habitamos”. Rincón (2019, p. 264, tradução nossa) define que, para Martín-Barbero, o *sensorium* constitui

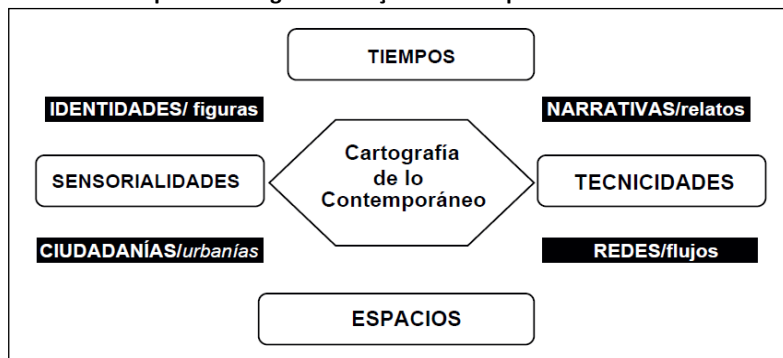
o modo de analisar e explicar o papel da técnica e as suas formas estéticas e políticas de intervenção nas condições culturais, na arte, na economia e na organização social; é entender o espírito, o ar do tempo, as formas que toma a conexão entre o tecnológico com o cultural, o político, o econômico e o artístico.

Martín-Barbero propôs, em 2017, um “mapa para investigar a mutação cultural”, elaborando um percurso que convida a pensar o novo *sensorium* que marca essa época. Trata-se de um mapa que difere dos quatro que o antecedem (datados de 1987, 1998 e 2009)<sup>7</sup>, por enfatizar uma tensão entre o que formata e o que desprograma as identidades, as tensões e as ambiguidades que existem entre redes e narrativas, identificações e cidadanias.

<sup>6</sup> Ele se refere à mediação das *tecnicidades* como possibilidades de criar algo, não substituição do velho ou realização de algo que era impossível anteriormente, mas como novas formas da experiência ancoradas nos usos.

<sup>7</sup> Para encontrar detalhes acerca dos quatro mapas elaborados por Martín-Barbero, ver o artigo de Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2018).

**Figura 1. Mapa 2017: sobre o *sensorium* contemporâneo para investigar a mutação cultural que habitamos**



Fonte: Martín-Barbero e Rincón (2019, p. 18).

Dessa forma, interessam-nos as relações entre os processos migratórios e as TIC que atravessam formas do “viver transnacional”<sup>8</sup>, isto é, os trânsitos, o espaço em movimento que se configura no lugar “entre”. É a partir das espacialidades e das temporalidades que orientamos nossa reflexão, porque buscamos compreender como essas atuais mobilidades de pessoas e de dados digitais tensionam as concepções de espaço apenas como um lugar físico, estático e claramente demarcado por limites geográficos, muitas vezes engessando formas específicas de poder. É precisamente esse “espaço absoluto” (HARVEY, 2015) que tem embasado o discurso autoritário do Estado-nação e seus mecanismos de controle sobre uma realidade muito mais diversa, ancestral e fragmentada do que o projeto da modernidade europeia concebia (MARTÍN-BARBERO, 2002). De acordo com David Harvey (2015), há também uma noção do espaço como relativo, relacional, que se encontra “incrustado” no processo de deslocamento físico e político dos corpos e das informações. Isso significa pensar o espaço como produto, condição e ambiência das experiências sociais.

Sob essa perspectiva relacional, a *espacialidade* é definida como “o conjunto das inter-ações espaciais realizadas pelos integrantes de uma sociedade” (FELIPPI; VILLELA; SILVEIRA, 2019, p. 97, tradução nossa). De acordo com Michel Lussault (2013), a prática espacial, os usos e os tensionamentos que configuram territorialidades políticas perpassam e são perpassados pelas relações intersubjetivas, pelos imaginários e pelas identificações subjetivas e coletivas. A espacialidade revela a dimensão relacional do espaço, uma vez que ele é relativo aos sujeitos, aos usos, às práticas sociais e às interações que o configuram. Essa é uma abordagem presente na obra de Martín-Barbero e trata o espaço e a espacialidade como categorias conceituais relevantes para o campo da comunicação. A partir da centralidade que ganha essa mediação como eixo no último mapa delineado pelo autor, trazemos as reflexões de Ângela Cristina Felippi, Rosário Sanchez Villela e

<sup>8</sup> Para Luis Eduardo Guarnizo (2004, p. 17, tradução nossa), o *viver transnacional* “implica relações e práticas transfronteiriças que conectam migrantes com suas sociedades de origem”, através de “um campo ativo e dinâmico de intercâmbio social que envolve e afeta simultaneamente atores (indivíduos, grupos, instituições) localizados em diferentes países”.

Rogério Leandro Lima da Silveira (2019) como ponto de partida para articular uma discussão conceitual em torno dessa categoria em Martín-Barbero, visando mostrar sua pertinência para pesquisar fenômenos migratórios em interseção com as novas tecnologias. A partir de aproximações entre noções da geografia contemporânea e a obra de Martín-Barbero, os autores apontam três dimensões que definem a espacialidade como um operador teórico e analítico para os estudos de cultura, comunicação e política.

A primeira dimensão analítica que nos interessa denota “espaços construídos na interseção com as outras dimensões da sociedade, concebidos, portanto, como espaços relativos e relacionais”. Os autores apontam que esse aspecto está presente desde o mapa noturno proposto por Martín-Barbero em 1998, cujas mediações evidenciavam “a ação efetiva dos sujeitos com o espaço de proximidade (casa, bairro), em contraponto com a cidade, sinalizando esses espaços como lugares de produção e reprodução das relações sociais” (FELIPPI; VILLELA; SILVEIRA, 2019, p. 109, tradução nossa). Como destacam Mônica Bertholdo Pieniz e Márcio Paulo Cenci (2019, p. 149-150), não estamos falando de substituições do velho pelo novo, mas de transformações nas formas de percepção e apreensão do mundo que conhecemos. Isso requer entender uma problemática atual à luz das possibilidades de complementação entre os diferentes mapas traçados por Martín-Barbero (LOPES, 2018), considerando as defasagens e as realocações. Desde o mapa de 1998, são evocadas algumas espacialidades, sobretudo aquelas ligadas à casa, à escola, à feira, ao bairro, à cidade e à nação. As interações são realizadas em lugares físicos e simbólicos, e, ao mesmo tempo, os constituem.

Contudo, o que nos interessa aqui é observar como são experimentadas as relações dos sujeitos com os espaços no cenário transnacional, a partir das migrações e das trocas digitais que esses processos viabilizam através das fronteiras. Os estudos sobre famílias e comunidades transnacionais (MANDIANOU, 2014; LEVITT, 1998) desafiam a forma de manutenção desses vínculos, outrora delimitados apenas pelo espaço físico e que passam a ser reconfigurados entre distâncias e mobilidades. O bairro não desaparece, mas ele é transformado com a chegada dos habitantes estrangeiros, os “estranhos” que invadem esses espaços “seguros” e que trazem também seus próprios bairros, formas de conhecimento espacial que permanecem na memória afetiva e orientam essas reterritorializações. Estamos falando aqui do migrante em sua condição de “dupla ausência” (SAYAD, 1998), que é também uma dupla presença, aqui e lá, de forma que o “próximo” pode se tornar o mais longínquo (e vice-versa). As proximidades físicas que conhecíamos começam a ser atravessadas por outras que dizem respeito às afetividades e às conectividades. É nessa perspectiva que recuperamos, no contexto transnacional, a espacialidade semântica e relacional presente na obra de Martín-Barbero, observando como o lar, a escola, o bairro, a cidade e a nação adquirem outras faces diante da expansão dos fluxos globais, migratórios e digitais.

Compreender a relatividade desses espaços significa também assumir que espaço e tempo estão intrinsecamente ligados, já que são as temporalidades que definem as espacialidades moldadas nas relações sociais e vice-versa. Sob esse viés, o espaço só existe quando inscrito no processo temporal das conexões relacionais, de forma que ambos se definem e articulam – de forma sensível – visibilidades, legibilidades e mobilidades das diferentes corporeidades sociais (FELIPPI; VILLELA; SILVEIRA, 2019). Tal como aparece desenha-



do no mapa que Martín-Barbero apresenta em 2017 (Figura 1), há uma articulação no eixo espaço-temporal que nos permite focar seu caráter relacional, evidenciando as dimensões articulatórias e experienciais da produção política das subjetividades e das lutas coletivas.

Simone Maria Rocha e Fabio López de la Roche (2019, p. 68, tradução nossa) fazem uma distinção entre a noção de *tempo* e a de *temporalidades*, definindo esta última como a nossa “experiência com o tempo”, o que aponta a pertinência da concepção de múltiplas temporalidades na obra de Martín-Barbero. Partindo da influência de Benjamin na obra de Martín-Barbero, os autores destacam como essa concepção bejaminiana do tempo, sob uma perspectiva dialética e não evolucionista da História, nos permite atentar para as possibilidades de olhar para o passado pensando no futuro. Essa ideia é diferente do discurso da modernidade, em que a noção de futuro como progresso se opõe a uma concepção de passado como símbolo de atraso. Há também, nessa concepção de um tempo não linear, uma alusão às resistências e às agências dos sujeitos no curso dos acontecimentos:

JMB destaca que Benjamin foi o primeiro a desafiar essa concepção por entender que ela traz consigo a perspectiva e a narrativa dos vencedores da história. A noção exige enfrentar uma oposição e o desafio de “fazer funcionar a experiência da história” por meio de “uma consciência do presente que faça explodir a continuidade histórica”. Para Benjamin, “essa continuidade na história existe apenas para os vencedores. E nem mesmo os mortos estarão a salvo do inimigo, se ele vencer. E este inimigo não parou de vencer” (ROCHA; ROCHE, 2019, p. 76, tradução nossa).

De acordo com a análise dos autores, a noção de múltiplas temporalidades encontra fundamento também pela inspiração de Martín-Barbero na obra de Raymond Williams, quem aponta “padrões” e “descontinuidades” nas relações entre as várias temporalidades que atravessam os processos culturais, mediante as categorias *dominante*, *residual* e *emergente*. Rocha e Roche (2019) descrevem o *arcaico* como efetivamente pertencente ao passado; o *residual* como aquilo que vem do passado, mas se faz presente na atualidade; e o emergente como constituído por novas práticas que, embora sobressaíam como marcas de um presente, não podem ser consideradas totalmente novas, justamente pela articulação entre essas temporalidades. Para Martín-Barbero, essas inter-relações condensam-se na noção por ele indicada como *tempo-agora*, o dos “destempos” que nos “desestabilizam”: “no tempo-agora, o passado e o futuro são reconfigurados. Por um lado, o presente deixa de ser uma espécie de ponte que conecta o passado e o futuro. [...] Conectividade, fluxo e informação preenchem esse tempo-agora” (ROCHA; ROCHE, 2019, p. 76, tradução nossa).

A terceira aproximação proposta diz respeito às múltiplas espacialidades que definem a posição relevante dessa mediação estruturante do último mapa, e que pode também ser correlacionada à ideia de multitemporalidade. Em uma entrevista concedida por Martín-Barbero em 2008, ele já se referia às novas “cartografias culturais” que o levam a indagar sobre como as percepções do espaço estão se modificando: o espaço habitado, o espaço imaginado, o espaço produzido e o espaço praticado.

A tipologia espacial que propõe Martín-Barbero é construída a partir desse movimento epistemológico que guia suas reflexões mais recentes: a abordagem das percep-

ções, o caráter relacional do espaço e sua interligação com as temporalidades. No “mapa das mutações comunicativas e culturais” – ou “o mapa que trabalho hoje” – ele explica melhor essa tipologia, que advém da emergência de um novo “ecossistema comunicacional”, marcado pela preponderância da técnica que multiplica os espaços físicos e virtuais (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 20-24; 2015, p. 28).

O *espaço habitado* tem a ver com a gênese corpórea dessa categoria na obra de Martín-Barbero (casa, feira, bairro): é o do “entorno físico, das rotinas associadas a uma temporalidade do cotidiano” (FELIPPI; VILLELA; SILVEIRA, 2019, p. 104-105, tradução nossa). Em certa medida, aproxima-se do *espaço praticado*, mas este último aponta uma dimensão mais transitória nas cidades modernas, aludindo às “práticas” de Michel de Certeau, como trajetos, usos e apropriações dos caminhantes. Ambos os tipos remetem a ações dos sujeitos com e no espaço, sendo que o habitar demarca uma relação temporal no dia a dia, enquanto o praticado é ligado aos sujeitos estranhos e diversos que se movem pelos cantos da cidade, revelando, assim, “a fragilização do nacional produzida pelas lógicas do global” (FELIPPI; VILLELA; SILVEIRA, 2019, p. 106, tradução nossa).

O *espaço imaginado*, por outro lado, corresponde ao Estado-nação como uma dimensão abstrata, amparada sob uma lógica que pretende dar conta de um espaço físico como se fosse o total, uma tentativa por homogeneizar a diversidade. Martín-Barbero retoma a “comunidade imaginada” de Benedict Anderson para mostrar como essa ideia, essa imagem de país, contrasta com uma realidade muito mais fragmentada e heterogênea na América Latina. Por fim, o *espaço produzido*<sup>9</sup> traz uma discussão sobre “as tecnologias de comunicação e as espacialidades possibilitadas por elas, geradoras de nova sociabilidade em um mundo de fragmentação espacial e isolamento dos indivíduos” (FELIPPI; VILLELA; SILVEIRA, 2019, p. 112, tradução nossa). Tal noção salienta ainda mais a capacidade de ação dos sujeitos em sua relação com os espaços, apontando não somente a dimensão dos usos, o habitar e o praticar, mas a potência criativa que caracteriza o ato de produzir.

Destaca-se, no *espaço produzido*, sua dimensão de historicidade nas disputas por apropriações ao longo do tempo, bem como a centralidade das conexões pelas redes de comunicação que constituem hoje um “espaço comunicacional”: “um novo tipo de espaço compartilhado, isto é, capaz de oferecer formas de contestar o isolamento dos indivíduos e das famílias, possibilitando-lhes vínculos socioculturais mínimos” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 27). Há, aqui, uma ligação direta com os meios (de transporte, de comunicação), como bem aponta Martín-Barbero, porque são eles os que conectam-comunicam os espaços dispersos e permitem a ação produtiva dos sujeitos ao se moverem entre ambientes físicos e virtuais.

---

<sup>9</sup> A noção de espaço em Martín-Barbero dialoga com a tradição da teoria de produção do espaço do marxismo crítico de Henri Lefebvre, seguida por Edward Soja. Outra forte referência dos estudos de geografia presente em sua obra é o autor David Harvey, também de orientação crítica marxista, assim como Milton Santos, por sua abordagem na interface com os processos de globalização, e Rogério Haesbaert, para falar sobre a categoria de territórios e as relações de poder que nele se inscrevem. De forma geral, vemos como as referências a esses autores compõem um entendimento das dimensões culturais e políticas inscritas na espacialidade desde uma visão da geografia, aproximando-a assim da teoria barberiana (RINCÓN et al, 2019).

Também nesse sentido, no âmbito dos estudos de migrações internacionais, Ludger Pries (2008) conceitua o *espaço social transnacional* como um espaço simbólico relacional, ou seja, como um espaço novo que se gera a partir da interação entre os indivíduos, em espaço e tempo delimitados. São os fluxos e as redes, entendidas como tecidos sociais, que definem esse espaço social transnacional. Migrantes internacionais, cujo curso de migração não é unidirecional e, principalmente, experimenta mobilidade em mais de uma ocasião, estabelecem novas relações sociais e formam outros grupos em novos campos sociais. As relações sociais que eles constituem são “produtivas”, no sentido de que criam realidades, espaços e temporalidades outras. Portanto, o espaço social transnacional é considerado um espaço de interseção, um novo produto, um marco de referência multissituado que estrutura as práticas cotidianas, as posições sociais, as identidades e os projetos de vida e profissionais.

Nesse sentido, observamos que, no mapa apresentado por Martín-Barbero em 2009, o eixo das migrações aparece em articulação frontal com o eixo dos fluxos, apontando já o interesse do autor por mostrar um cenário atual marcado pela mobilidade, pela fragmentação e pela multiplicação dos espaços. Já no mapa feito em 2017, desaparece o eixo das migrações, mas poderíamos pensar também que ele está embutido nas mediações *redes/fluxos*, que emergem na interseção entre as tecnicidades e as espacialidades.

Na perspectiva barberiana, essa mediação de *redes/fluxos* pode ser definida como “uma única linguagem que autogera a experiência social” e “como forma de nos juntarmos em nosso tempo” (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 23, tradução nossa).

O novo conceito é a rede como um conceito social, sobre como se lê o mundo natural, social, político, o ecossistema. A rede é a linguagem que fala a contemporaneidade. O fluxo é a profundidade desses tempos que habitamos, o fluxo é a expansão de dentro, a rede é a visão de fora. O fluxo expressa a alteridade que o movimento produz. A rede tece os fluxos com algum significado. E os fluxos são compreendidos na rede, em sua articulação, em seu tecido (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 23, tradução nossa).

Salientamos que a ênfase em uma mediação específica não quer dizer que o resto não esteja também atravessando áreas da pesquisa, mas consideramos que são as questões formuladas as que nos orientam no trânsito analítico através de um mapa ou de vários deles. É nesses encontros com a realidade empírica e nos percursos que fazemos que vamos adentrando nas especificidades das relações entre as mediações que nos interessam. Há uma dimensão política que nos interessa explorar e que surge na medida em que novas práticas espaciais tensionam as relações de poder inscritas em outras espacialidades, como é o caso do projeto da Revolução Cubana, demarcado pelo espaço imaginado de Cuba.

Nesse ponto, há diferenças em algumas pesquisas sobre migrações e TIC frequentemente concentradas na midiaticização das migrações (MANDIANOU, 2014) e nos usos de novas tecnologias (ritualidades, tecnicidades) por imigrantes em relação às noções de identidade e cidadania (BRIGNOL, 2010), geralmente guiadas por metodologias etnográficas que exploram em profundidade as comunidades diaspóricas e transnacionais. Do ponto de vista das apropriações das TIC, encontramos também uma vertente de estudos

sobre a *webdiáspora*<sup>10</sup> (ESCUDERO, 2013) que enfatiza mais fortemente uma das dimensões do espaço produzido nesses fluxos em ambiente virtual.

Contudo, o espaço produzido requer, como seu nome indica, a ação de produzir algo novo (ou emergente, com seus resíduos sempre do passado, como apontava Williams). Assim, entendemos que ele não é apenas a translação do espaço físico para o digital, mas o que é criado nesse fluxo. Adquire relevância aqui o eixo das tecnicidades, que no último mapa conecta o espaço e o tempo. Martín-Barbero e Rincón (2019, p. 20, tradução nossa) afirmam que a tecnicidade é algo “muito mais amplo do que a técnica, é a forma como as mudanças chave nos permeiam, é uma linguagem com a qual as mudanças são lidas, vistas, compreendidas e explicadas”. Isso requer se apropriar da técnica não para fazer o que não podia se fazer antes, mas para criar algo. Na abordagem sobre esse eixo, Pieniz e Cenci (2019, p. 144, tradução nossa) apontam que pensar a técnica como tecnicidade significa tomá-la como o “espaço onde se produz o novo”. Uma vez mais aparecem no pensamento de Martín-Barbero as ideias de produção (espaço) e de novo/emergente (tempo) como noções que marcam as profundas transformações no *sensorium* desta época e que tomamos em nossa reflexão como uma nova forma de política.

Se fossemos estudar processos de inserção de imigrantes em sociedades de acolhida, ou suas memórias anteriores no país de origem, provavelmente o espaço *habitado* e o *praticado* estariam no foco da pesquisa. Entretanto, interessa-nos observar as dinâmicas do *espaço produzido*, por considerarmos que este nos permite abranger tanto os fluxos populacionais quanto os virtuais, os contextos de origem e de destino, assim como seus vínculos materiais e simbólicos multiterritoriais. Entender o sujeito em sua dupla condição indissociável de *imigrante* e *emigrante* é considerar não apenas o corpo que se move, mas também aqueles que interatuam e são afetados a partir desse movimento, redefinindo o familiar e o estranho nesse novo espaço transnacionalizado.

O que nos interessa é, por fim, compreender como esse novo tipo de espaço é produzido, assim como as dinâmicas dessas relações, que tensionam a aparente estabilidade do espaço imaginado. Contudo, entendemos que essas espacialidades não pressupõem espaços excludentes entre si, pois eles podem atuar simultaneamente configurando a nossa experiência multiespacial e multitemporal. Dessa forma, são as relações estabelecidas, nelas e entre elas, que trazem luz sobre determinadas problemáticas que vivemos hoje.

### Abordagem metodológica

É preciso compreender que o espaço produzido, tal como enunciado por Martín-Barbero, não é apenas simbólico, material ou atual, mas um ambiente em que estão impregnadas múltiplas temporalidades e espacialidades. Podemos dizer que a dimensão das tecnicidades (que possibilita a produção de novos espaços) não se localiza apenas no campo do discursivo, mas são efetivamente os processos comunicativos e sociais que configuram um novo “sentir para perceber”. Assim, o percurso metodológico por nós desenvolvido

---

<sup>10</sup> Camila Escudero (2013, p. 149) define esse conceito “não só como um espaço transnacional, intercultural e multiterritorial, midiático, mas como um recurso para interação e compartilhamento de vínculos sociais (reais ou imaginários, com o país de origem ou de destino)”.

abrange uma elaboração teórica do conceito de espacialidade na obra recente de Martín-Barbero, em articulação com o pensamento do autor de forma geral, para logo apontar brevemente como essas discussões atravessam os ambientes webdiaspóricos das redes sociais.

Nossa abordagem empírica parte de procedimentos de mapeamento e descrição de alguns espaços virtuais que se entrelaçam com processos migratórios, na plataforma Facebook, a fim de explorar características dessas espacialidades analisadas. O objetivo é identificar como a espacialidade, na perspectiva que analisamos aqui, estrutura a produção desses novos espaços virtuais transnacionais.

Até o momento de elaboração desta pesquisa, o Facebook é a rede social predominante na paisagem digital de Cuba, pelo que se torna também um lugar privilegiado para o encontro entre cubanos de dentro e de fora da ilha. No período de 2012 a 2017, o Facebook dominava 87,17% do tráfego nacional de redes sociais na web (PÉREZ, 2017), e seis meses após a chegada do serviço de conexão 3G no país, em meados de 2019, já se registrava 68% de preponderância dessa rede (FERNÁNDEZ, 2019).

Considerando esse contexto, realizamos um mapeamento de páginas e grupos no Facebook relacionados a Cuba, em suas múltiplas dimensões territoriais, isto é, tanto nos espaços físicos que a compõem geograficamente quanto na sua dimensão diaspórica/transnacional. Os critérios de busca e de seleção do material empírico consideraram as dimensões que compõem o *espaço habitado* (os espaços físicos ligado ao corpo) e o *imaginado* (a noção simbólica do nacional), a fim de compreender como eles são reconfigurados a partir dessas novas tecnicidades que são relevantes para a compreensão do *espaço produzido*<sup>11</sup>. Assim, realizamos a coleta empírica durante novembro de 2019, através da própria ferramenta de busca do Facebook, e a partir de um conjunto de palavras-chave para cada tipo de espaço que nos interessa analisar em grupos e páginas que revelam dimensões dessas espacialidades.

Para analisar o *espaço imaginado*, orientamo-nos na busca por uma semântica do nacional a partir da raiz *cub* (ex.: Cuba, cubanos, cubanía, cubanidad, etc.). Entretanto, a abordagem do *espaço habitado* desdobra-se em duas categorias principais que emergem das pistas oferecidas pela obra de Martín-Barbero: as dimensões territoriais locais (que pode abranger diferentes escalas espaciais de interação dos sujeitos com o ambiente que os rodeia) e as escolas (como exemplo particular da confluência espacial e temporal de uma geração) – neste caso, buscamos institutos internados de ensino médio que congregam estudantes de várias localidades da província<sup>12</sup>.

Em todo caso, focamos apenas na região ocidental do país, a fim de apontar uma proximidade com a capital, Havana, mas ao mesmo tempo ampliar a visão para além desse epicentro. Sob esse aspecto, as palavras-chave são definidas em função dos espaços que já conhecemos da geografia cubana, como são os nomes e gentílicos relativos a províncias, municípios e pequenas vilas, assim como das referidas escolas dessa região. A

---

<sup>11</sup> Nesta análise, não abordamos o *espaço praticado*, por considerarmos que ele pode ser melhor apreendido a partir de outros procedimentos metodológicos que não aparecem no recorte apresentado, como são as observações e as entrevistas inspiradas numa tradição etnográfica que se interessa pelas práticas urbanas.

<sup>12</sup> Referimo-nos a um tipo de escola de ensino médio que pertence a uma rede nacional de institutos pré-universitários de ciências exatas, os quais, embora com nomes diferentes, podem ser identificados com o acrônimo IPVCE ou como “vocacional”. Vale acrescentar que há um instituto dessa natureza em cada província de Cuba.

partir de uma coleta manual de dados, selecionamos intencionalmente um conjunto de páginas e grupos relacionados às diferentes dimensões espaço-temporais abordadas, tentando mostrar uma variedade no formato de página ou grupo, nas características das descrições e no tamanho da comunidade. Nessa busca, por outra parte, estamos cientes de que há uma mediação algorítmica que influencia também a forma com que esses conteúdos são organizados, recuperados e visibilizados na plataforma.

**Tabela 1. Lista de grupos analisados**

<b>Categoria</b>	<b>Nome</b>	<b>Link para acesso</b>	<b>Comunidade</b>
<b>Espaço imaginado (Cuba)</b>	<i>Te amo Cuba</i>	<a href="https://www.facebook.com/TAmoCuba/">https://www.facebook.com/TAmoCuba/</a>	312.877 seguidores
	<i>Engánchate a lo cubano</i>	<a href="https://www.facebook.com/enganchatealocubano/">https://www.facebook.com/enganchatealocubano/</a>	185.770 seguidores
	<i>Cuba Trendings</i>	<a href="https://www.facebook.com/cubatrendings/">https://www.facebook.com/cubatrendings/</a>	19.613 seguidores
	<i>Cuba para todos</i>	<a href="https://www.facebook.com/unacubaparatos/">https://www.facebook.com/unacubaparatos/</a>	53.615 seguidores
	<i>Cubanos por el mundo</i>	<a href="https://www.facebook.com/cubanosporelmundo/">https://www.facebook.com/cubanosporelmundo/</a>	727.185 seguidores
	<i>Cubanos shoutout</i>	<a href="https://www.facebook.com/marta.fernandez.7587/">https://www.facebook.com/marta.fernandez.7587/</a>	438 seguidores
	<i>Cubita NOW</i>	<a href="https://www.facebook.com/CubitaNOW/?ref=page_internal">https://www.facebook.com/CubitaNOW/?ref=page_internal</a>	257.078 seguidores
	<i>Cuba en Miami</i>	<a href="https://www.facebook.com/CubaenMiami/">https://www.facebook.com/CubaenMiami/</a>	602.446 seguidores
	<i>Cubanos todos</i>	<a href="https://www.facebook.com/TodosCubanos/">https://www.facebook.com/TodosCubanos/</a>	593.221 seguidores
	<i>Todo Cuba</i>	<a href="https://www.facebook.com/todocubaonline/">https://www.facebook.com/todocubaonline/</a>	127.559 seguidores
<b>Espaço habitado: dimensões territoriais locais (2 províncias, 1 município, 1 vila)</b>	<i>Eres de Pinar del Rio si...</i>	<a href="https://www.facebook.com/groups/288607927961764/about">https://www.facebook.com/groups/288607927961764/about</a>	84,9 membros
	<i>Herradura, Pinar del Rio, Cuba</i>	<a href="https://www.facebook.com/groups/herradurapinar/">https://www.facebook.com/groups/herradurapinar/</a>	3,1 mil membros
	<i>Consolacion del Sur. Cuba. Unete</i>	<a href="https://www.facebook.com/groups/56082238685">https://www.facebook.com/groups/56082238685</a>	6,2 mil membros
	<i>La Gente de Santa Clara</i>	<a href="https://www.facebook.com/La-gente-de-Santa-Clara-Cuba-163504564237/">https://www.facebook.com/La-gente-de-Santa-Clara-Cuba-163504564237/</a>	8.165 seguidores
<b>Espaço habitado: escolas (2 escolas provinciais)</b>	<i>IPVCE Federico Engels (Vocacional Federico Engels)</i>	<a href="https://www.facebook.com/groups/ipvcefe/about/">https://www.facebook.com/groups/ipvcefe/about/</a>	10,2 mil membros
	<i>IPVCE Federico Engels Unidad 4 Ciclo 2003-2006</i>	<a href="https://www.facebook.com/groups/unidad4ciclo2006/">https://www.facebook.com/groups/unidad4ciclo2006/</a>	244 membros
	<i>Egresados de la Graduacion 28 de La Lenin de todo el mundo, unios...</i>	<a href="https://www.facebook.com/groups/leningrad28/">https://www.facebook.com/groups/leningrad28/</a>	794 membros

Fonte: Elaboração das autoras.

Na Tabela 1, mostramos os 17 ambientes digitais selecionados e classificados conforme as categorias espaciais analisadas, nos quais observamos os dados referentes a nome, espaço habitado e imaginado, assim como a comunidade de seguidores e membros. O objetivo é analisar como a noção de espaço se configura por meio das formas de autoapresentação desses grupos ao declararem seus propósitos e o tipo de público que buscam mobilizar.

É necessário ressaltar que esta abordagem empírica não prevê análise de narrativas, de interações ou de conteúdos que compõem essas comunidades. O intuito é aportar alguns elementos iniciais que nos permitam compreender como as espacialidades abordadas atuam na constituição de um espaço produzido, fundamentalmente no que tange às articulações possibilitadas por redes migratórias e digitais. Por fim, identificamos alguns aspectos relevantes que evidenciam a reelaboração das relações com os espaços na escala local-global dos fluxos.

### **A outra geografia do Facebook: espacialidades no imaginário transnacional cubano**

O acesso à internet em Cuba tem se ampliado, das salas institucionais de navegação aos espaços públicos de conexão WiFi, em praças e parques (desde 2015), até o ambiente doméstico (em 2018) e, mais recentemente, com a chegada do 3G (em 2019). O acesso “público”, no entanto, fica ainda condicionado a outros fatores de tipos institucional e econômico: o bloqueio de vários endereços URL no interior da ilha por interesses políticos do governo; a navegação monitorada através do servidor nacional Nauta; o portal de entrada à rede monopolizada pela única empresa das telecomunicações no país, ETECSA; o alto custo do serviço que é pago por tempo de uso, etc. Muitos desses altos custos do serviço são financiados por emigrados, a fim de viabilizar a comunicação com familiares e amigos na ilha (ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017; GARCÍA-MORENO; MUÑOZ, 2012).

Mesmo com as limitações impostas por uma imprensa única governista em Cuba, assistimos à emergência de meios digitais que buscam construir visões alternativas da realidade dos cubanos, fundamentalmente gerenciados a partir dos fortes vínculos transnacionais entre as comunidades de emigrados e os residentes na ilha. Embora já exista uma variedade de meios, sites e espaços virtuais nesse sentido, referimo-nos aqui a meios que geralmente adotam a forma de *revistas informativas* para abordar temáticas e acontecimentos ligados aos cubanos, dentro e fora do país. Os conteúdos são variados, mas observamos uma prevalência do estilo sensacionalista, trazendo fatos insólitos e celebridades artísticas, bem como misturando o entretenimento com notícias que tomam como referência tanto as políticas oficiais do governo cubano quanto as do americano e de outros destinos migratórios. Aparecem também relatos da cotidianidade na ilha que não são visíveis na mídia governista e os eventos do dia a dia na comunidade cubano-americana.

Acreditamos ser interessante observar como esses sites informativos congregam públicos através de grupos que conformam os ambientes diaspóricos no Facebook. É o caso da página *Te amo Cuba*, que declara ser parte da revista *Cubanos Guru*, uma comunidade de grande aceitação entre cubanos de todas as partes (280 mil seguidores), criada em 2015 para “reunir as notícias, conhecimentos e lembranças de Cuba em um espaço virtual”. Essa lógica se repete com o grupo *Cuba, tú si sueñas!...*, pertencente à página

*Cubita NOW*, que surge com a missão de “informar e entreter cada cubano ao redor do mundo [...] com a finalidade de criar unión através do debate realizado com respeito, do entretenimiento e da nostalgia em momentos difíceis para o povo de Cuba”<sup>13</sup>. Tanto nos objetivos quanto nos conteúdos observados, podemos dizer que esses ambientes virtuais partem de uma concepção transnacional do espaço noticiado.

Também encontramos outras páginas como *Engánchate a lo cubano*, com sede em Hialeah (conhecida como a Little Havana, em Miami), que destaca como missão “levar a todos os cubanos do mundo, o melhor em informação, notícias e entretenimiento em general”. Já a página de *Cuba Trendings* busca “ser uma plataforma de notícias e materiais jornalísticos para os cubanos ‘de las dos orillas’<sup>14</sup>, sem o objetivo de politizar, respeitando a pluralidade e os diversos pontos de vista”. A página *Cuba para todos* declara que visa promover consciência para a “reconciliação, reconstrução e progresso de nosso povo” e advoga por uma Cuba “livre, soberana e pluripartidaria”. Uma das páginas mais populares é *Cubanos por el mundo*, que surge para “estar juntos sem importar a posição política, a religião ou as ideias” e se dedica aos cubanos que abandonaram o país “por vontade própria ou contra nossa vontade”.

Uma das dinâmicas fundamentais que observamos é uma concepção do espaço a partir da dupla tensão entre a dispersão e a reunificação. Ainda que a distância e a separação atravessem a constituição desses ambientes virtuais (cubanos pelo mundo, em todas as partes, aqui e lá), eles existem justamente com o propósito de conectar sujeitos que compartilham laços de origem e uma mesma experiência de desarraigo. Não somente no que se refere ao encontro virtual de pessoas na rede, mas também à ideia de reconciliação de diferenças entre os cubanos que vivem a migração como uma expulsão da vida pública da pátria, segundo mostra a história recente de Cuba, e como exílio.

Observamos uma exploração simbólica de Cuba como palavra-chave que abrange os cubanos de dentro e fora. Assim, o sentido original de país concedido originalmente ao Estado-nação adquire nessas tecnicidades múltiplos sentidos que ultrapassam o referente ligado apenas ao espaço geográfico físico. Podemos pensar que, talvez, essa ênfase semântica é uma forma de articular sentimentos de desprendimento e perda que perpassam a experiência migratória, de forma que o drama do não pertencimento pode se tornar uma potência criativa e discursiva na produção de espaços outros para o encontro. Trata-se de uma Cuba que não é apenas esse espaço imaginado previsto, mas um outro que emerge na dispersão, entre as distâncias físicas e as reaproximações virtuais, entre a nostalgia da terra familiar e a raiva do exílio.

Um país-diáspora que se revelou contra o espaço absoluto imposto também mediante um discurso homogeneizante que disseminou durante décadas a ideia de correspondência exclusiva e unívoca entre esse território geográfico da ilha e as noções de “revolu-

<sup>13</sup> As citações de trechos extraídos dos grupos analisados foram traduzidas livremente pelas autoras.

<sup>14</sup> A popular expressão “*las dos orillas*” (as duas beiras), entre os cubanos, traz um sentido histórico da migração marítima entre Cuba e os Estados Unidos, via o estreito da Flórida, compreendendo ambos os lados como as beiras das 90 milhas de mar que separam os países nessa rota migratória. Essa historicidade aponta também um entendimento de Cuba como dividida entre a ilha e a comunidade diaspórica estabelecida em Miami, ambas as partes conectadas por vínculos e práticas transnacionais de longa data.



ção”, “pátria”, “Cuba”, “governo”, “Fidel Castro” (RAMÍREZ HERNÁNDEZ; FAZITO, 2019). Cada evocação do nome de Cuba traz uma ressignificação e um hibridismo que atuam na produção desse novo espaço, como se não fosse mais possível falar apenas da terra demarcada nos contornos insulares.

Outra dinâmica que consideramos relevante na conformação dessas espacialidades observadas é o modo como prevalece uma historicidade espacial migratória que configura a concepção híbrida dessas relações. A experiência coletiva da migração cubana ao longo de várias décadas, os amplos fluxos para os Estados Unidos e o estabelecimento de uma sólida comunidade cubano-americana conformam hoje o imaginário migratório cubano. Assim, Miami e, por extensão, os Estados Unidos se tornam um componente essencial desses ambientes virtuais, ainda que observemos uma diversificação recente de destinos migratórios dos cubanos e que a migração, em seu sentido mais geral e básico, tenha se tornado uma parte importante dos projetos de vida dos cubanos atualmente (RAMÍREZ HERNÁNDEZ; FAZITO, 2019).

As descrições das páginas revelam um espaço desterritorializado, com *spanglish* na nomenclatura (*Cubita NOW*, *Cubanos shotout*, *Cuba Trending*). A página *Cuba en Miami* traz como capa uma montagem com uma fotografia de Havana e uma de Miami:

Figura 2. Capa da página *Cuba en Miami*



Fonte: Reprodução.

A página *Cuba en Miami* (400 mil seguidores) ultrapassa a própria comunidade cubano-americana e se declara um “portal de notícias e entretenimento para informar os cubanos em todo o mundo”. Assim, os nomes *Cubanos todos*, *Cuba para todos* e *Todo Cuba* constroem uma narrativa de reunificação diante da fragmentação, da dispersão e da exclusão que caracterizam o exílio e os processos migratórios cubanos há mais de seis décadas.

Essas características evidenciam-se também na análise das categorias que correspondem ao espaço habitado, mostrando como os fluxos e as técnicas reconfiguram a dimensão do local frente às lógicas do transnacional. Tomando como exemplo a primeira província cubana (de esquerda à direita no mapa), Pinar del Río, encontramos o grupo *Eres de Pinar del Río si...*, que apela às condições (si) de identidade dos nativos dessa regi-

ão, indicando que “o propósito deste espaço é compartilhar recordações de nossa terra, momentos passados e presentes, lugares, pessoas e fatos que caracterizaram nossa província e nossas vidas”. A dimensão de nostalgia, frequentemente ligada à identidade diaspórica, aparece inerente na constituição desses espaços, como vemos no vocabulário da descrição desse grupo, referente a “lembranças, momentos passados e presentes”. Assim como o grupo *Pinar del Río, Cuba* foi criado “para todos os que, algum dia, amamos e que viveram conosco em Pinar del Río”, em uma enunciação permanente do passado-presente.

Não só nas províncias observamos essas dinâmicas, mas também em outras geografias locais. O grupo *Consolacion del Sur. Cuba. Unete*, que evoca um município da referida região, declara em sua descrição que “este é um site para todos os Consolareños, nos Estados Unidos e ao redor do mundo, para manter contato com nossa cidade natal”, recuperando, assim, uma identidade diaspórica-global que passa pela historicidade dos fluxos migratórios cubanos para os Estados Unidos e se expande ao mundo. O grupo *Herradura, Pinar del Río, Cuba* se refere a uma comunidade semirural do município de Consolación del Sur (da província Pinar del Río) e também é constituído na interseção “dentro e fora”, ao se declarar como um ambiente para “publicar perguntas, fotos, vídeos e eventos sobre Herradura e seus filhos que hoje vivem na cidade e no exterior”. Uma concepção espaço-temporal outra parece definir a coexistência dessas formas híbridas de habitar e produzir espaços, modificando também as diferentes espacialidades. As frases mais comuns usadas para indicar os limites físicos – “estejam onde estejam” e “pelo mundo” – trazem um imaginário de lugar em que os gentílicos “cubanos”, “pinareños” e “consolareños” são constantemente reterritorializados.

Outra das principais dimensões que nos interessa ressaltar é que os grupos e as páginas analisados não são isentos das contradições que se instauram nessas múltiplas temporalidades e espacialidades. O conflito da migração convive com os sentimentos de nostalgia e permanece latente na busca da reconciliação que constitui esses espaços virtuais e naquele modo de vida que é criar lugares para o não lugar. Tomando como exemplo um grupo com ampla estruturação de regras na descrição, *Gente de Santa Clara* (que se refere à cidade capital da província Villa Clara), podemos observar algumas dinâmicas que ilustram o fenômeno. Os moderadores, que moram em diferentes países (Estados Unidos, Espanha, França), anunciam que não serão censurados temas de esporte/religião/política. Contudo, apontam que eliminarão toda postagem que promova negócios ou serviços do Estado e que somente serão aceitas aquelas relativas a atividades comerciais privadas, tensionado assim o modelo econômico socialista centralizado no controle estatal.

Além disso, indica-se que não será admitido no grupo quem não informe, no perfil do Facebook, seu pertencimento à cidade; e ainda solicita aos membros que utilizem o corretor ortográfico para “evitar os erros de ortografia que tanto afetam o cérebro”. Nesse sentido, entendemos que tais espaços não se apresentam apenas como ambientes unificadores ou pacificadores das diferenças em prol da nostalgia do reencontro, mas como uma comunidade com normas que também classificam e hierarquizam.

Por fim, no caso das escolas, vemos ainda com mais clareza que as relações com o espaço são entrelaçadas com uma experiência temporal específica, o que constitui tam-

bém uma das principais dimensões que observamos aqui. O espaço habitado na escola de ensino médio, no tempo do adolescente-jovem, é agora uma memória expandida no adulto que se move através de um espaço mundial. Essa aparente fragmentação encontra, contudo, um elo unificador na noção de *geração*, que se torna relevante para enquadrar uma experiência espaço-temporal específica no projeto vida-migração. Assim, observamos que, ao procurar os grupos criados em torno das duas escolas selecionadas, predominam aqueles organizados por suas características comuns (corte etário, de classe, de raça, de gênero, de local de moradia, etc.), privilegiando assim a dimensão temporal.

Encontramos, por exemplo, o grupo geral *IPVCE Federico Engels (Vocacional Federico Engels)*, e logo o grupo *IPVCE Federico Engels Unidad 4 Ciclo 2003-2006*<sup>15</sup>, no qual lê-se: “Estão espalhados pelo mundo? Em Pinar? Em La Habana? Bom, todos, a partir de caminhos diferentes, mas certamente todos estão no Facebook. [...] Esta é uma forma de fechar o círculo de nossa etapa”. As noções de deslocamento e a dispersão atravessam sempre esses grupos, e observamos como os grupos de graduados de uma mesma escola são formados a partir de locais pós-migração (ex.: Miami) ou por cortes de estudo, como é o caso do grupo *Egresados de la Graduación 28 de La Lenin de todo el mundo, unios*.

A partir dessas análises, o que nos interessa destacar é, finalmente, a potência política inscrita nesse espaço produzido que recompõe as espacialidades e as temporalidades. Isso possibilita a emergência de novas formas de vida que ultrapassam o imaginário da Revolução Cubana como narrativa única e absoluta, ancorada em uma concepção histórica e territorial. Esse gesto aparece porque o espaço não é mais concebido como fixo, estático, apenas físico, mas um produto das relações dos sujeitos com ele. É a possibilidade de conceber essas múltiplas dimensões espaço-temporais que nos levam a criar outros “mundos possíveis”, aqueles que emergem das “versões e visões do que aconteceu” (GALINDO CÁCERES, 1999, p. 14, tradução nossa) e que configuram uma experiência de transgressão de limites e transformação do mundo.

## Conclusões

O espaço produzido ao qual nos referimos, assim como as demais espacialidades analisadas, não se circunscrevem apenas às páginas ou aos grupos do Facebook, tampouco aos sites informativos ou às plataformas transnacionais que mencionamos e que podem integrar o ambiente da *webdiáspora*. Tampouco é apenas os usos e as apropriações da técnica, as tecnicidades. O que nos interessa é refletir sobre uma das dimensões dessas espacialidades para repensar a noção de espaço como relacional, relativo, visível claramente nesses ambientes online, mas que os ultrapassa. Esse espaço é produzido também

---

<sup>15</sup> Observamos que esse grupo não só localiza o espaço da escola e o período dos três anos de ensino médio que define essa linha de corte, mas também a Unidade 4, devido ao fato de que, nesses mesmos três anos, conviviam na escola membros de segmentos de outras unidades. Por exemplo, enquanto os membros desse grupo começavam o primeiro ano na Unidade 4 em 2003, outras pessoas cursavam o segundo ano em outra unidade e outras estava no terceiro ano em outra unidade, todas segmentações por blocos dentro do *campus*. Na época mencionada, todas as escolas de ensino médio no país eram de tipo internas, de forma que os alunos conviviam juntos durante esses anos, com visitas semanais ou quinzenais a suas respectivas casas.

nas trocas de todo tipo, através das fronteiras, dos tempos, no hibridismo entre gambiarras e práticas sociais que emergem no cerne das redes e dos fluxos que as alimentam.

No entanto, destacamos a necessidade de ampliar essas análises a fim de complementar e enriquecer a exploração dos ambientes virtuais com outros procedimentos metodológicos que requeiram contato com os sujeitos e seu ambiente material.

A abordagem apresentada neste texto nos permite compreender a matriz comunicacional que norteia as transformações no mundo hoje, entendendo as espacialidades como relações e as temporalidades como experiências. Nesse viés, o espaço produzido é um espaço novo, mas que é ancorado paralelamente nas tradições e no que se tem denominado modernidade, a história de vida e a história social. Modifica-se nossa compreensão do mundo como o conhecemos, misturando materialidades e discursos que abrem formas de pensar e ver o mundo de outra forma, com uma nova linguagem política, como aponta Jesús Martín-Barbero. A política como ação no mundo e a espacialidade como “produto social e condição do devir” (FELIPPI; VILLELA; SILVEIRA, 2019, p. 91, tradução nossa). No entanto, nada é completamente novo ou velho nas mudanças que observamos. As velhas migrações adotam novos padrões de mobilidade, enquanto as novas mídias trazem consigo a marca de outras formas de usos e apropriações que estavam associadas às mídias tradicionais.

## Referências

ALFONSO, Liudmila Morales; SÁNCHEZ, Liosday Liosday Landaburo. Migrantes y vida pública en Cuba: estrategias transnacionales de ciudadanos cubanos residentes en Ecuador. *Regions & Cohesion*, v. 7, n. 3, p. 8-29, 2017.

ARBOLEYA, Jesús. *Cuba y los cubanoamericanos, el fenómeno migratorio cubano*. La Habana: Casa de las Américas, 2015.

BRIGNOL, Liliane Dutra. *Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana*. 2010. 404 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

ECKSTEIN, Susan E. *The Immigrant Divide: How Cuban Americans Changed the US and Their Homeland*. New York: Routledge, 2009.

EFE. El acceso a internet en Cuba llega a 7,1 millones de usuarios en 2019. *Agencia EFE*, 26 fev. 2020. Disponível em: <<https://acortar.link/NJZ2bp>>. Acesso em: 31 jun. 2021.

ESCUADERO, Camila. A construção da Webdiáspora a partir dos conceitos de interculturalismo, transnacionalismo e multiterritorialismo: apontamentos analíticos. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Santiago de Compostela, v. 11, p. 137-150, 2013.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan; VILLELA, Rosário Sanchez; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. La espacialidad en el mapa comunicativo de la cultura: producto social y condición del devenir. In: RINCÓN, Omar (Ed.) et al. *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural*. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019. p. 91-116.

FERNÁNDEZ, Gabriela M. ¿Qué redes sociales están de moda en la Cuba con datos? *Fonoma*, 4 jun. 2019. Disponível em: <<https://acortar.link/hPXgvl>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

GALINDO CÁCERES, Jesús. Del objeto percibido al objeto construido. El saber sobre la práctica: sistemas y mundos posibles. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, Colima, v. 5, n. 9, p. 9-24, jun. 1999.

GARCÍA-MORENO, Cristina; MUÑOZ, Joan J. Pujadas. El “vivir transnacional” de los inmigrantes cubanos en España. *Migraciones*, v. 32, p. 73-102, dez. 2012.

GUARNIZO, Luis Eduardo. Aspectos económicos del vivir transnacional. *Colombia Internacional*, Bogotá, v. 59, p. 12-47, jan./jun. 2004.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, n. 35, v. 13, p. 126-152, 1º sem. 2015.

LEVITT, Peggy. Social remittances: migration driven local-level forms of cultural diffusion. *International Migration Review*, v. 32, n. 4, p. 926-948, 1998.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. *MATRIZES*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, jan./abr. 2018.

LUSSAULT, Michel. *L'homme spatial*. La construction sociale de l'espace humain. Paris: Seuil, 2013.

MANDIANOU, Mirca. Polymedia communication and mediatized migration: an ethnographic approach. In: LUNDBY, Knut (Ed.). *Mediatization of communication*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2014. p. 323-346.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; RAMÍREZ HERNÁNDEZ, Elisa Beatriz. Vínculos migratórios e interações digitais: novos arranjos disposicionais na Cuba transnacional. *Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 9, n. 15, p. 34-62, jan./jul. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. *MATRIZES*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 9-31, jan./abr. 2018.

\_\_\_\_\_. ¿Desde dónde pensamos la comunicación hoy? *Chasqui*, Quito, n. 128, p. 13-29, abr./jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *Oficio de cartógrafo*. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

\_\_\_\_\_. *De los medios a las mediaciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

\_\_\_\_\_.; RINCÓN, Omar. Mapa insomne 2017. Ensayos sobre el sensorium contemporáneo. Un mapa para investigar la mutación cultural. In: RINCÓN, Omar (Ed.) et al. *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural*. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019. p. 17-23.

PÉREZ, Félix M. González. ¿Qué redes sociales usan los cubanos? *Fonoma*, 16 maio 2017. Disponível em: <<https://acortar.link/Bt55wL>>. Acesso em: 12 set. 2019.

PIENIZ, Mônica Bertholdo; CENCI, Márcio Paulo. Tecnicidades: de las mediaciones comunicativas de la cultura a las mutaciones culturales. In: RINCÓN, Omar (Ed.) et al. *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural*. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019. p. 137-160.

PRIES, Ludger (Ed.). *Rethinking transnationalism: the meso-link of organization*. London: Routledge, 2008.

RAMÍREZ HERNÁNDEZ, Elisa Beatriz; FAZITO, Dimitri. La question migratoire à Cuba: politisation de conversations en ligne. *Revue Française des Sciences de l'Information et de la Communication*, Pessac, n. 17, 2019. Disponível em: <<https://acortar.link/1WX7f2>>. Acesso em: 31 jun. 2021.

RINCÓN, Omar. Mi invención sobre el mapa para comprender el sensorium de la contemporaneidad. In: RINCÓN, Omar (Ed.) et al. *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural*. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019. p. 263-274.

ROCHA, Simone Maria; ROCHE, Fabio López de la. Temporalidades: para pensar la contemporaneidad de lo no-contemporáneo. In: RINCÓN, Omar (Ed.) et al. *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural*. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019. p. 59-90.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração: os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

**Elisa Beatriz Ramírez Hernández**

Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

**Ângela Cristina Salgueiro Marques**

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou estágio de pós-doutorado na Université Stendhal Grenoble 3 (França). É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG.